# Discurso, resistência e poder: As mulheres marítimas nos enunciados do romance *Mar Morto* (1936), de Jorge Amado

# Discourse, resistance and power: Maritime women in the statements of the novel *Mar Morto* (1936), by Jorge Amado

Antônio Fernandes Júnior[1]
Gustavo Amaral Coimbra[2]
Marcelo Vinicius Costa Amorim [3]

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar, da perspectiva da Análise do Discurso, recortes de enunciados do romance *Mar Morto* (1936), de Jorge Amado, para refletir sobre os discursos de resistência produzidos pelas personagens femininas, em oposição ao sistema vigente, construído no contexto do livro, que às objetiva como frágeis e dependentes aos seus companheiros. Além disso, com este trabalho pretendemos compreender os processos de produção das subjetividades das mulheres, que viviam no cais baiano, e o funcionamento das relações de poder construídas no romance. Para efetuar as análises, tomamos como ferramentas metodológicas, os estudos de Análise do Discurso realizados por Michel Foucault (2006, 2008, 2009), sobretudo as noções de discurso, enunciado, poder e resistência. Além disso, acionamos os estudos de gênero realizados por Judith Butler (2000, 2003) a fim de desenvolver a discussão acerca das objetivações feitas a mulheres e homens na sociedade retratada na ficção. Resultou-se, pois, na constatação e compreensão dos processos de formação de sujeitos que permitem que as mulheres passem de uma condição de passividade para um movimento de ruptura e resistência.

ABSTRACT: The objective of this work is to analyze, from the perspective of Discourse Analysis, clippings of statements from the novel *Sea of Death* (1936), by Jorge Amado to reflect on the discourses of resistance produced by the female characters in opposition to the current system, built in the context of the book, which objectifies them as fragile and dependent on their companions. In addition, with this work, we intend to understand the processes of production of the

[1] Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (1997), mestrado (2002) e doutorado (2007) em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente, é professor adjunto da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão.

[2] Graduando em Letras-Português pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT) / em transição. Realizou projetos de Iniciação Científica (IC) em literatura (2020/2021).

[3] Possui bacharelado e licenciatura em Psicologia. Tem experiência em Psicologia Clínica, cumpriu estágio obrigatório curricular em atendimentos clínicos no Centro de Estudos Aplicados em Psicologia (CEAPSI) da Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão (2018), e membro da Ação de Extensão da Clínica Aberta em Psicanálise (2017-2018).

subjectivities of women who lived on the Bahian quay and the functioning of the power relations constructed in the novel. To carry out the analysis, we took as methodological tools the studies of Discourse Analysis carried out by Michel Foucault (2006, 2008, 2009), especially the notions of discourse, enunciation, power, and resistance. In addition, we used gender studies by Judith Butler (2000, 2003) to develop the discussion about the objectification of women and men in the society portrayed in fiction. This resulted in the realization and understanding of the processes of subject formation that allow women to move from a condition of passivity to a movement of rupture and resistance.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Sujeito; Resistência Feminina; Mar Morto.

KEYWORDS: Discourse; Subject; Female Resistance; Sea of Death.

## 1. Considerações iniciais

Para este estudo, propomo-nos investigar o funcionamento das relações de poder firmadas entre os sujeitos discursivos, constituídos pelos enunciados e discursos presentes no romance *Mar Morto* (1936), de Jorge Amado. Dessa forma, analisaremos, principalmente, os relacionamentos entre homens e mulheres que vivem próximos ao cais baiano, observando a quais espaços os sujeitos do sexo feminino são discursivamente objetivados, sobretudo por viverem, em uma sociedade extremamente machista. Além disso, analisaremos os enunciados produzidos em ação de resistência aos modos de vida que provocam o assujeitamento das mulheres da região.

Objetivamos, a partir das problematizações realizadas, compreender o funcionamento discursivo dessas relações de poder, constatando como se dá a constituição da subjetividade das mulheres marítimas, aquelas que vivem à espera e em serviço de seus companheiros. Através das análises, objetivamos também, entender as formas que algumas dessas mulheres se organizam em resistência ao sistema vigente, modificando a estrutura tida como modelo.

A efetivação desta pesquisa se justificou pela possibilidade de abordar os temas sociais presentes no romance escolhido, observando sua importância e as

denúncias realizadas. Justificou-se também, pela necessidade da análise das estratégias utilizadas pelas mulheres para sobreviverem, principalmente após a morte de seus companheiros, quando não retornavam do trabalho de pesca em alto mar; e pela aplicação dos conceitos de Análise do Discurso para verificar a construção dos sujeitos nos enunciados observados, em especial das mulheres, que são inicialmente objetivadas como frágeis, mas que se revelam fortes, pois precisam criar estratégias de resistência para garantirem sobrevivência.

Dias e Nascimento (2016), antecedendo ao presente trabalho, formulam uma investigação com foco na construção de personagens femininas de Amado, em seu estudo, buscam compreender o deslocamento nas posições ocupadas por duas delas, Rosa e Lívia. Acreditamos que a aplicação dos conceitos da Análise do Discurso possibilita o aprofundamento nas discussões acerca das mulheres do romance *Mar Morto* ao observá-las enquanto sujeitos constituídos pelas práticas discursivas em que estão inseridas. E, também, ao compreender as relações de poder firmadas entre homens e mulheres, a saber que o exercício de poder também age na constituição das subjetividades. Investigamos, então, os modos nos quais muitas delas saem de um lugar de passividade para ocupar uma posição de resistência.

Também a abordagem das discussões de gênero, principalmente a partir dos estudos de Butler (2000, 2003), contribuíram para o enriquecimento dos estudos sobre a constituição das personagens femininas enquanto sujeitos discursivos. A saber, que as reflexões da estudiosa auxiliaram na compreensão do funcionamento das relações de poder em que estavam inseridos homens e mulheres que viviam à beira do cais baiano.

Visando sanar os questionamentos anteriormente apresentados, utilizamos, primordialmente, os estudos discursivos realizados por Michel Foucault (2006, 2008, 2009), sobretudo em sua arqueogenealogia, em que o filósofo busca compreender as relações de saber e poder. Dessa forma, consideramos o romance enquanto enunciados para assim analisar o funcionamento das práticas discursivas na produção de corpos e subjetividades através do exercício do poder. Reflexões de outros estudiosos da área também foram acionadas para fomentar e complementar as discussões, como Courtine (2014) e Revel (2005). Para compreensão dos papéis de gênero, e seu funcionamento na esfera social, acionaremos os estudos de Butler (2000, 2003).

O romance em questão centra-se nas figuras de Gumercindo e Lívia, casal de jovens que apresentam todas as dificuldades comuns às pessoas da região, tais como, problemas financeiros, poucas oportunidades de estudos e a falta de políticas públicas que promovam boas condições de vida. As condições de vida do povo, retratado no romance, fazem com que eles estejam imersos em uma espécie de sistema que produz sujeitos que vivem em realidades similares. Sendo assim, muitos moradores da região acreditam que há apenas três formas de ser mulher. A primeira é a casada, que deve ter filhos, cujo futuro será o de se tornar mestre de saveiros. Essas formas de sujeitos são consideradas boas e honradas, mas convivem com o frequente medo da morte do marido, que se dedica aos arriscados trabalhos marítimos.

As outras construções do "ser mulher" nessa sociedade surgem após a morte de seus respectivos companheiros. Para eles, após a perda do marido, as mulheres só podem ser prostitutas ou lavadeiras, ambas são vistas como tristes e amarguradas por não terem a proteção e o carinho masculino. Desse modo, deparamo-nos com uma sociedade machista, na qual as mulheres devem cumprir

funções determinadas em razão de seus maridos e outros homens com os quais convivem. Por outro lado, essa construção machista faz parte das condições de possibilidade dos modos de vida construídos por Jorge Amado, e não diferencia, também, das práticas sociais nas quais os padrões estabelecidos para o masculino e o feminino são delimitados.

## 2. Discurso, resistência e sujeito: apontamentos teóricos

Para a realização desta pesquisa, utilizamos os conceitos da Análise do Discurso formulados por Michel Foucault (2006, 2008, 2009). Visando alcançar melhor êxito no trabalho, elencamos alguns conceitos que são primordiais, possibilitando a análise dos enunciados selecionados. Eles são: discurso, resistência, poder, sujeito, objetivação e subjetivação. Inicialmente, é necessário apresentar e tecer reflexões sobre as definições de discurso, conceito basilar para o prosseguimento desta proposta.

Para Foucault, o discurso é compreendido como "conjunto dos enunciados que provém de um mesmo sistema de formação" (2008, p. 135), ou um "conjunto de sequências de signos enquanto são enunciados, isto é, enquanto podemos lhes atribuir modalidades particulares de existência". Para completar, Foucault (2009, p. 136) acredita que as práticas discursivas são "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa".

Esta consideração das práticas discursivas como regras anônimas e históricas são cruciais para a análise de discurso foucaultiana, pois implica o

afastamento do sujeito como origem do discurso para pensá-lo como efeito dos discursos, ou seja, o sujeito fala e é falado no e pelo discurso. Essas regras são coletivas e recaem sobre os sujeitos de uma dada racionalidade histórica, constituindo-os, seja pela reprodução dos discursos que a compõem ou contrapõem.

Trabalhamos com um agrupamento de enunciados que possuem condições históricas de existência, ou seja, que tem um suporte, uma data, um sujeito e um lugar. Trata-se daquilo que foi efetivamente dito e tem uma dimensão histórica. A partir dos estudos foucaultianos, consideramos que o discurso pode ser ilustrado como se fosse um nó em uma rede, ou seja, o discurso está em conexão com vários outros que o atravessam, tecendo relações de concordância ou oposição, por exemplo. Seguindo este pensamento, Courtine (2014, p. 75) entende que o discurso não existe isolado, pois se relaciona com um conjunto de outros discursos com os quais estabelece conexões, ou seja, sempre "existe, portanto, no interior de um feixe complexo de relações".

Ao apresentar seus estudos arqueológicos, Foucault (2008) busca definir o enunciado diferenciando-o das definições de frase e proposições feitas pelos estudos estruturalistas da língua. Para ele, é preciso considerar que elementos que não constituem frases, como gestos e cores podem ser enunciados desde que dotados de uma materialidade histórica. O enunciado é tomado, sobretudo, como um acontecimento; dessa forma, possui uma singularidade que é demarcada no tempo e no espaço em que foi produzido a partir de condições históricas bem definidas. Foucault (2008, p. 31) considera que "um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente".

Apesar de estar dotado de tal singularidade, o enunciado, em condições específicas, está suscetível a transformações, modificações e reaparições. O

enunciado, além disso, possui uma relação com outros que o cercam em uma rede enunciativa. Não há, portanto, enunciado que não suponha outros, pois, conforme explica Foucault (2008, p. 110): “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”. E mais, ele é aquilo que foi efetivamente produzido, que tem condições singulares de existência, uma existência histórica. Quando os enunciados se inscrevem dentro de um mesmo sistema de formação, compõem os discursos sobre determinado tema.

É também, através dos discursos, que observamos as práticas de resistência tomadas pelos sujeitos em oposição às relações de poder. No texto “O sujeito e o Poder”, Foucault formula diversas afirmações sobre o funcionamento das ações de resistência. Dentre elas, afirma que: são uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação: lutas contra os privilégios do saber. Porém, são também uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas" (FOUCAULT, 2009, p. 235).

Nesse mesmo texto Foucault sugere que "para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações" (FOUCAULT, 2009, p. 234), pois as resistências indicarão, metodologicamente, onde se exerce, sobre quais grupos ou corpos o poder atua. Salientamos que, para esse autor, o poder não é algo imposto apenas de um dominante para um dominado. Trata-se, contudo, de uma relação que não exclui nenhum sujeito, pois todos sujeitos ali inscritos exercem poder entre si, sobre outros sujeitos. Consideramos, no corpus de análise, quais são as relações de poder estabelecidas que atravessam a formação dos sujeitos. Pelo exposto, enfatizamos que o “sujeito é umbilicalmente ligado às relações de poder que atuam em sua constituição” (SILVA; MACHADO JÚNIOR, 2016, p. 207).

Poder e resistência estão intimamente relacionados, um cresce à medida que o outro se exerce. Pois é em meio a essas relações que há o que Foucault chama de "insubmissão" e "liberdades", que favorecem com que pensamentos e condutas resistentes permaneçam ativas. Por isso, ao adotar comportamentos contrários aos que pertencem ao lugar que são objetivados, os sujeitos resistem. Quanto a isso, Foucault (2009, p. 248) garante que "não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual". Assim, observamos, ao decorrer das análises, que as mulheres que resistem sempre buscarão alternativas para modificar os padrões de vida dados às famílias da região.

Nesse momento, recorremos a uma observação feita por Michel Foucault (2006a, p. 262) sobre o funcionamento do poder na sociedade e como ele interfere nos saberes e nos discursos:

> O poder não opera em um único lugar, mas em lugares múltiplos: a família, a vida sexual, a maneira como se trata os loucos, a exclusão dos homossexuais, as relações entre os homens e as mulheres... todas essas relações são relações políticas. Só podemos mudar a sociedade sob a condição de mudar essas relações.

Dessa forma, podemos compreender que o poder é mutável e age de diferentes modos para garantir o seu exercício. Assim, é no centro das relações cotidianas, por exemplo, que ele vai se perpetuar e ser exercido. É neste sentido que Foucault (2009, p. 247) enfatiza que "o exercício do poder não é um fato bruto, um dado institucional, nem uma estrutura que se mantém ou se quebra: ele se elabora, se transforma, se organiza, se dota de procedimentos mais ou menos ajustados". Portanto, por mais que haja estratégias de resistência operantes, há também a manutenção do poder. Conforme salienta Foucault (2009, p. 248):

> De fato, entre relação de poder e estratégia de luta, existe atração recíproca, encadeamento indefinido e inversão perpétua. A cada instante, a relação de poder pode tornar-se, e em certos pontos se torna, um confronto entre adversários. A cada instante também as relações de adversidade, numa sociedade, abrem espaço para o emprego de mecanismos de poder.

Nesse momento, convém apresentar o conceito de sujeito discursivo para, posteriormente, iniciarmos as análises dos enunciados que serão apresentados nas séries enunciativas. O autor considera que sujeito e poder são conceitos intimamente ligados, pois "o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, e é igualmente colocado em relações de poder muito complexas" (FOUCAULT, 2009, p. 232), sendo constituído por diferentes discursos que o perpassam em sua composição.

Assim, sabemos que a posição de sujeito é o produto da relação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber da formação discursiva. Fernandes (2008, p. 21) enfatiza que o sujeito discursivo é formado na relação com o social que o cerca, sendo formado por várias vozes: "constituído na inter-relação social, não é o centro de seu dizer, em sua voz, um conjunto de outras vozes, heterogêneas, se manifestam. O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos".

Nessa acepção, sabemos que o sujeito é constituído por meio de discursos com os quais se relaciona e/ou se identifica, e vivência dos indivíduos em sociedade os constituirão sujeitos a partir do exercício de poder que os subjugará e os ligará a sua própria existência, impondo uma lei de verdade que podem ou não assumir. Foucault acrescenta que:

> É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 2006b, p. 235).

A subjetividade dos sujeitos é constituída, através do exercício do poder, pelos processos de subjetivação e objetivação. Judith Revel (2005, p. 82) elucida que "subjetivação designa para Foucault, um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito". Tal processo se dá a partir das relações com o meio social e o reconhecimento de si em determinada identidade. Além disso, a autora acrescenta que:

> Os "modos de subjetivação" ou "processos de subjetivação" do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos [...] de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência (REVEL, 2005, p. 82).

Segundo essa afirmação, o sujeito passa pelo processo de subjetivação, seja pela interação com outros. Esse é o processo ocorrido na convivência entre Rosa Palmeirão e Lívia, como veremos adiante. A objetivação, por sua vez, é também uma forma de produção de subjetividade, entretanto, é gerada sobre outro indivíduo, fazendo com que se torne, de certa forma, um objeto de um discurso, ou seja, uma forma de classificação ou enquadramento do sujeito em um modelo de subjetividade. No romance *Mar Morto*, por exemplo, observamos esse processo nas classificações dadas pelos homens às mulheres, como "mulheres da vida", "damas da noite" e "moças de família".

Foucault (2009) atenta para o que ele denomina como “práticas divisoras”. Para ele, um efeito comum nos processos de objetivação é a divisão dos sujeitos em categorias que se antagonizam e geram comparações entre si. No cais baiano, os homens, imbuídos de um saber e discursos sobre os papéis sociais atribuídos às mulheres, estabelecem a divisão entre as “da vida” e as que são “para casar”. As que são objetivadas como honradas e aprovadas pelos homens, são exaltadas, fazendo com que outras mulheres também queiram se comportar daquela forma. Estas divisões fazem com que elas sejam rotuladas e classificadas em pequenos grupos para reafirmar a exclusão destes sujeitos. É nesse ponto que perceberemos outro mecanismo do poder já citado pelo filósofo.

Para o cumprimento deste trabalho, realizamos recortes de enunciados retirados do romance que possibilitam a análise sob quais condições as mulheres marítimas foram constituídas enquanto sujeitos e de que forma os processos de subjetivação permitem o aparecimento das estratégias de resistências às objetivações impostas (os três modos de ser mulher já indicados). Os enunciados que foram utilizados as localizam em uma sociedade extremamente machista e nossa análise pretende refletir sobre essas relações de poder no romance amadiano.

## 3. A constituição da subjetividade feminina nos enunciados do romance *Mar Morto*

Conforme anunciado anteriormente, nosso objetivo é analisar o espaço destinado às mulheres no romance de Jorge Amado, observando as estratégias de resistência por elas produzidas como forma de sobreviver e de criar outros modos

de vida. Nas séries enunciativas escolhidas, deparamo-nos com situações, descritas pelo narrador do romance, nas quais as personagens femininas são objetivadas a ocupar o lugar de espera do marido, que saiu para trabalhar em alto-mar. Série enunciativa 01:

> 1.1 - [...] todas as mulheres do mar, mulheres de destinos iguais: esperar numa noite de tempestade a notícia da morte de um homem" (Amado, 1999, p. 12-13).
> 1.2 - Como pode viver uma mulher no cais sem o marido? Umas lavam roupas para as famílias da cidade alta, outras se prostituem e bebem no Farol das Estrelas. São tristes umas e outras, tristes as lavadeiras que choram, tristes as prostitutas que riem entre copos e canções (AMADO, 1999, p. 129).

Nesse momento, observamos os discursos produzidos sobre as mulheres localizadas nos enunciados analisados, focalizando como são referenciadas nos textos literários em estudo, ou como são construídas no e pelo discurso. É preciso salientar que ocorre uma objetivação sobre as mulheres aqui retratadas, pela posição de sujeito ocupada pelo narrador do romance, pois não há enunciados em que elas se expressem sobre a sua subjetividade ou falem de si, mas são descritas pelo narrador. Em ambos os casos, temos enunciados que as objetivam e/ou as colocam na condição de mulheres à espera dos seus respectivos homens.

No enunciado 1.1, o narrador descreve o que chama de destino das mulheres da região, que pelas crenças do local, seria casar e viver à espera de seu marido, sabendo que em determinado momento ele morreria se dedicando ao seu trabalho. São descritas como mulheres do mar, não por terem uma ligação direta com as águas, mas por viverem em função de seus maridos, cuidando de casa, dos filhos e os esperando diariamente, lidando com o medo da perda. É posto sobre a subjetividade feminina que devem aceitar e concordar com esta vida que é

imposta, por meio de discursos historicamente produzidos, cujos saberes delimitam os espaços destinados às mulheres. No formato em que as relações familiares se constroem no romance, é dito que todas as mulheres têm esse destino, assim, desde crianças convivem com a perda de pais, irmãos e demais homens próximos, ficando em desamparo. Percebe-se a predominância do discurso machista que reduz a mulher a um lugar de espera e submissão ao homem.

Já no segundo recorte enunciativo, o sujeito enunciador enfatiza que as mulheres encontrariam diversas dificuldades para viverem no cais sem seus maridos ("Como pode viver uma mulher no cais sem o marido?"), isso porque só lhes restariam duas alternativas: tornarem-se lavadeiras ou se prostituírem para garantir seu sustento. Esse é um saber estabelecido naquela sociedade, pois era o desfecho comum para as viúvas, já que não havia uma estrutura familiar que lhes garantisse alguma segurança e equilíbrio financeiro. Além disso, não havia políticas sociais para aquela região, dominada pela extrema pobreza e que não apresentava outras oportunidades de trabalho. À vista disso, ainda retoma o discurso de dependência emocional das mulheres aos homens, ao dizer que todas elas se encontrarão em profunda tristeza ao viverem sem eles.

A partir dos enunciados, constatamos que as mulheres marítimas são objetivadas pelos homens como submissas[4] e que devem estar em constante atitude de espera e passividade. Além disso, são apresentadas como frágeis, seja emocionalmente, fisicamente ou financeiramente dependentes de seus maridos. Isso se deve ao fato de estarem inseridas em um sistema social regido por

[4] Referimo-nos às relações entre casais retratadas no romance que guardam, à sua maneira, relações com as práticas sociais.

discursos ancorados em regras machistas e patriarcais, impondo a elas o trabalho doméstico, o cuidado do marido e a criação dos filhos. Quando se tornam viúvas, passam a ser vistas como mulheres tristes e loucas. Trata-se de discursos produzidos historicamente em que estes sujeitos são reduzidos a esta posição. Por isso, possuem destino fadado à prostituição ou ao serviço doméstico nas casas de outras famílias. Esses discursos se constituem nesses enunciados, lembrando que nunca estão isolados, pois tecem relações com outros. Como já explicitado, percebe-se a predominância de discursos machistas e patriarcais evocados na objetivação das mulheres.

Assim, no modelo de sociedade retratado no material estudado, as relações operam de formas múltiplas e em lugares distintos, tendo em vista os lugares sociais ocupados pelos sujeitos. Há relações de poder que guiam as vidas de homens e mulheres marítimos, como um sistema que estabelece modos de conduta para estes sujeitos. O discurso religioso também age nas relações de poder existentes entre os sujeitos discursivos em questão, pois corrobora que os homens se conformem com o trabalho pesado e de alto risco por acreditarem que receberão uma recompensa divina: encontrar-se com Iemanjá após a morte. Por outro lado, a divindade desperta ciúmes nas mulheres da narrativa e faz com que elas permaneçam ao lado de seus maridos por criarem uma espécie de competição com a entidade.

Observa-se também relações em que o poder se exerce entre homens e mulheres do cais, como entre os casais e entre membros do trabalho no mar. Verificamos que os homens exercem poder sobre suas companheiras, tanto através do corpo quanto de formas emocionais e psicológicas. Quanto a isso, Foucault (2006b, p. 39) enfatiza que “o pai, o marido, o patrão, o adulto, os professores representam um poder”. Por ser o provedor financeiro da família e por

não permitir que as mulheres trabalhem fora de casa, o homem estabelece poder mediante a dependência criada entre si; além da dependência emocional gerada pelo medo constante de perder o companheiro e do que pode acontecer após esse fato. Por fim, ao objetivá-las como frágeis, essa obra estabelece um novo saber, cujos efeitos de poder agem e/ou operam sobre a subjetivação das mulheres marítimas, fazendo com que elas também acreditem na imagem de submissão criada nos discursos supracitados.

Conforme Foucault (2006a), o poder também opera através da exclusão ao colocar determinados sujeitos à margem dos demais. Observa-se, então, que as mulheres que não seguiam os padrões de comportamento, já apresentados neste texto, eram excluídas do grupo de mulheres consideradas merecedoras de respeito. Ao excluir esses sujeitos, é garantido que outras mulheres não se subjetivem através de suas experiências. Isso era feito com as prostitutas, como podemos observar no seguinte trecho retirado do romance: "a mulher também estava morta. Se metera entre Guma e a bala que o Sargento atirara, mas ninguém ligou para Rita, que uma prostituta não tem importância" (AMADO, 1999, p. 97).

No romance, há uma passagem em que Guma se envolve com Esmeralda, companheira de seu melhor amigo, Rufino. Ao descobrir que está sendo traído, o homem não se revolta com o amigo, somente com a mulher, cometendo feminicídio e se matando em seguida. Quanto a isso, Foucault (2006a, p. 19) discorre que o funcionamento do poder é sempre "violento no sentido de que é perfeitamente irregular, não no sentido de que é desenfreado, mas, ao contrário, no sentido de que obedece a todas as disposições de uma espécie de microfísica dos corpos".

## 3. Rosa Palmeirão e a resistência feminina

No exercício das relações de poder, há também estratégias de resistência que necessitam ser inventivas para se esquivarem das formas e efeitos do poder sobre seus corpos e condutas. Rosa Palmeirão surge como símbolo dessa resistência, pois através de suas ações, o sistema é quebrado e outras mulheres passam a se subjetivarem ou a se reconhecerem em outra situação, fora do lugar de passividade e espera dos companheiros. Palmeirão era conhecida por todos os homens e se torna a única mulher a receber um ABC, uma coleção de rimas que iniciavam cada uma com uma letra do alfabeto, que contavam suas histórias.

Rosa Palmeirão nunca se casou e nem teve filhos, e era temida por todos os homens por reagir às tentativas de abuso que sofria constantemente. Rosa nasceu na região baiana onde se passa a narrativa, porém, desde a infância apresentava comportamentos transgressores em relação ao que era esperado para as mulheres daquela sociedade. Com passar dos anos, relacionou-se com diversos homens, mas nunca se submeteu às exigências feitas por eles. Para assim viver, precisou desenvolver estratégias que lhe garantissem segurança e liberdade. Por isso, seus relacionamentos não se restringiam somente às práticas sexuais, mas possuía, também, vínculos de amizade.

Rosa Palmeirão tinha os seus próprios modos de ser mulher, sob suas vontades e a partir daquilo com que se identificava e a fazia se reconhecer enquanto sujeito. Por este motivo é figura de extrema importância para modificar os modos de agir de outras mulheres a partir dos processos de subjetivação. Palmeirão tinha comportamentos considerados masculinos, outros femininos e outros que não eram comuns às pessoas da região. Dessa forma, não se encaixava nos rótulos previamente estabelecidos para as pessoas do sexo feminino, não era

casada, não era lavadeira e nem prostituta. Assim sendo, cria uma "nova forma"[5] de ser mulher, para aquela sociedade, fazendo o que lhe dava vontade ou lhe era necessário. Nisto é que observamos o funcionamento de suas ações de resistência, inventivas como devem ser. O enunciado a seguir, pertencente a segunda série enunciativa, elucida o que anteriormente foi dito:

> 2.1 - Porém, as mulheres do cais, que são simples e valentes, Rosa Palmeirão, as mulheres da vida, as mulheres casadas, as moças que esperam noivos, a tratam de Dona Maria (AMADO, 1999, p. 66).

No enunciado em questão, podemos observar que o sujeito enunciador classifica as mulheres da região em diferentes grupos de acordo com as formas em que vivem. Palmeirão não é encaixada em nenhum destes grupos, pois não conseguem rotular as suas ações, visto que toma para si as condutas que considera relevantes, não se enquadrando nas objetivações feitas pelos homens e pelos discursos difundidos no modelo social construído no romance. A análise deste enunciado também permite perceber a aplicação da objetivação a partir das práticas divisoras (FOUCAULT, 2009) que, ao tentar dividir estas mulheres em grupos — inclusive tentando criar uma nova classificação para Rosa —, reafirmam o poder exercido através da exclusão. Esta ação surge como elemento que tende a enfraquecer a organização das estratégias de resistência, uma vez que, sugere separações entre as mulheres.

Contudo, ao passo que as estratégias de resistência se reforçam, o poder também muda para continuar em funcionamento. Apesar de terem Rosa como

[5] Referimo-nos à ação de agir conforme suas convicções em uma sociedade que dividia as mulheres em grupos de acordo com o modo como as enxergavam, Rosa não se encaixava em nenhum destes grupos por resistir à exclusão.

amiga e como alvo de desejo sexual, os homens não a consideravam uma mulher digna de se casar. Além disso, era objetivada como mãe fracassada por nunca ter tido filho, por ter uma idade avançada e ter um corpo semelhante ao de suas mães:

> 2.2 - Ela estava velha, não era mais mulher para um jovem como aquele. Seu corpo ainda era bem feito, mas não era mais um corpo de jovem, era um corpo de mãe fracassada (AMADO, 1999, p. 77).

Neste enunciado, há a predominância do discurso machista manifesto através da idealização do corpo feminino e da exclusão da mulher que não segue as conformidades deste padrão. Com este movimento, os homens reforçam o imaginário da mulher ideal e das objetivações feitas, fazendo com que outras mulheres se sintam intimidadas em seguir o exemplo de Rosa, que não fora mãe por vontade própria. Exceto em determinado momento da obra onde, por vontade própria, enxerga-se como mãe, abrigando-se na casa de Guma para ajudar na educação de seu filho.

Outro acontecimento observado neste enunciado é a objetivação dos corpos femininos. O sujeito enunciador observa que o corpo de Rosa, por ser mais velha que o rapaz, não é digna de se relacionar com um jovem como Guma, reforçando as objetivações que classificam as mulheres em grupos de acordo com suas condutas e, também, por demarcar a utilidade que teriam para eles. Observamos esse discurso nos enunciados “velha”, “corpo velho” e “fracassada”, que qualifica esse corpo e essa mulher como um objeto gasto e sem valor. Para garantir a exclusão da mulher, ignoram quem realmente são e as consideram somente enquanto corpo, útil ou não. No próximo recorte, percebemos o reaparecimento dos discursos de exclusão a partir da objetivação do corpo feminino: “Por isso ela

amou tanto a Guma, a esse que já não a quer porque ela envelheceu. Também ele não lhe deu um filho, mas a culpa era dela que estava velha e inútil" (AMADO, 1999, p. 78).

Rosa não aceitava ser encaixada no padrão de mulher frágil e indefesa, protegia-se com uma faca e um punhal. São diversas as situações em que precisa defender-se fisicamente, já que os homens usam de superioridade de força para abusá-la sexualmente e moralmente. Por isso, trouxemos outro enunciado em que Rosa Palmeirão relata a defesa feita durante uma tentativa de abuso por parte de um homem:

> 2.3 - Eu avisei: meu homem tá pra chegar... Ele só disse que não tinha medo de homem. Eu perguntei pra ele: e de mulher tu tem medo? Ele disse que só de feitiço. E com os olho bugalhado em mim. Eu disse que era melhor ele ir embora. Mas ele não quis por nada. Até ia tirando as calças, eu aí me aborreci, sabe? Peguei ele pelo pescoço, atirei pela porta. Ele ficou ainda espiando, arriado no chão, com cara de besta (AMADO, 1999, p. 51).

Nesse enunciado, Rosa relata que um homem, seu vizinho, adentrou sua casa e a esperou no quarto na tentativa de praticar um ato sexual com ela. Em um primeiro momento, Rosa resiste justificando que o companheiro chegará em pouco tempo. Com a insistência do homem, é necessário que use de sua força física para expulsá-lo. Contudo, o discurso de resistência produzido por ela não se efetiva apenas através da imposição corporal. Ao afirmar que, se ele não tem medo de homem, deveria ter de mulher, reafirma-se em uma posição que não é de passividade. Por outro lado, o homem insiste na manutenção do exercício de poder ao enunciar que apenas tem medo das feiticeiras, reforçando os discursos de inferiorização da mulher.

Consideramos que as estratégias de resistência são lutas nas quais os sujeitos requisitam aquilo que lhes é retirado pelo exercício do poder. É neste sentido que Foucault acredita ser pertinente analisar as resistências para assim compreender o funcionamento do poder. Os sujeitos se organizam para desviar, criar contornos possíveis de enfrentamento. Rosa Palmeirão faz isso de duas formas. A primeira está relacionada ao comportamento, que surge da prática de hábitos transgressores, novos e inventivos. Mas, para que isso seja possível, precisa da segunda forma, que são os embates físicos, corporais, através da força ou da sedução.

Rosa e as mulheres que a seguem incorporam modos de resistência descritos por Foucault (2006a), pois travam batalhas contra as formas de dominação presentes no cais baiano; não permitem que seus relacionamentos sejam completamente dominados por comportamentos machistas; lutam contra as formas de exploração por, em diversos momentos, não aceitarem somente o trabalho doméstico não remunerado ou as migalhas da sociedade. Um exemplo disso é quando Rosa e Lívia decidem que vão trabalhar no barco após a morte de Guma, deixando Franscisco, tio do rapaz, cuidando do filho do casal e dos afazeres da casa. E por fim, contra as tentativas de colocá-las em uma posição de submissão, de mulher que vive em função do marido e a sua espera. Lutam para reconhecerem-se em sua subjetividade e abandonarem a posição que lhes é dada através dos processos de objetivação. Isto acontece quando Lívia, aos poucos, torna-se independente emocionalmente de seu marido, perdendo o grande temor que tinha ao pensar em seu futuro após a morte do homem.

Interessa-nos observar quais são as representações dos corpos masculinos e femininos e como são criados. A quais posições são comumente associados? Sabemos que é através das práticas discursivas que estas construções de gênero se

evidenciam. Butler (2003, p. 32) critica que "o corpo feminino é marcado no interior do discurso masculinista, pelo qual o corpo masculino, em sua fusão com o universal, permanece não marcado". Assim, em sociedades que seguem este modelo, como na que são produzidos os enunciados em questão, as mulheres são compreendidas enquanto sujeitos a partir da lógica e do discurso masculino.

As definições de gênero construídas no romance se efetivam a partir de aspectos históricos e culturais que pressupõem limites nas ações dos sujeitos, pois sabemos que há códigos construídos, também discursivamente, que pré-determinam funções para homens e mulheres e vão guiar para uma compreensão na qual dadas performances serão esperadas destes sujeitos. No grupo social analisado, os homens sentem-se honrados por desempenharem suas funções, mesmo que lhes tragam prejuízos. De forma simultânea, impõem que as mulheres sigam determinadas condutas. Essas performances são cristalizadas através de discursos que se tornam predominantes naquele meio. Portanto, as mulheres, por muito tempo, acreditam que devem se reconhecer na subjetividade construída no e pelo discurso machista por considerarem que tais ações são inatas ao seu gênero, pois são ensinadas, desde crianças, a serem submissas aos seus companheiros. É pensando nestes limites que Butler (2003, p. 28) considera que:

> Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada.

Por isso, veremos que Rosa Palmeirão, mesmo não se encaixando nas formas sistematizadas de condutas estabelecidas, é constantemente objetivada a partir das formas com que os homens observam as questões de gênero. Para eles, os corpos femininos estão para servir, oferecer prazer sexual e exaltar a sua masculinidade. Isto, pois só são considerados homens aptos para o trabalho e dignos de novas experiências após a primeira relação sexual com uma mulher. Portanto, sabemos que estes limites são estabelecidos por meio de discursos constantemente reproduzidos. Por isso, Butler (2003, p. 28) acrescenta que "tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal". Na sociedade baiana descrita nos enunciados, há um saber vigente que delimita funções às mulheres, tais como ser extremamente obedientes aos seus maridos para não serem colocadas à margem e relativizadas como sujeitos não dignos de respeito.

Também é importante considerar que "o gênero é uma relação coletiva, aliás um conjunto de relações, e não um atributo individual" (BUTLER, 2003, p. 28). Deste modo, é através das relações cotidianas entre os sujeitos que há a construção e o entendimento de pertencimento ao gênero. De forma coletiva, os processos de objetivação buscam reduzir as mulheres a condições de inferioridade, limitando os espaços e as funções que podem ocupar na sociedade. Também de forma coletiva, as mulheres se subjetivam a partir da convivência, principalmente com Rosa, fazendo com que não se reconheçam mais nos moldes idealizados anteriormente.

Por fim, pelas divisões ocasionadas na compreensão das diferenças sexuais, que se manifestam na materialidade discursiva, o exercício do poder garante sua manutenção. Isto, pois, desde a infância, o "sexo" surge como mecanismo regulatório que designa espaços e funções determinadas, diferenciando os sujeitos

entre meninos e meninas, por exemplo. Nos enunciados analisados, as meninas não tinham acesso à escola, eram ensinadas as tarefas domésticas e já viviam em função do pai. Na adolescência eram preparadas para o casamento. Os meninos, por outro lado, estudavam apenas por alguns anos, depois iam auxiliar os mais velhos no trabalho do mar, na pesca e no transporte de mercadorias. Na adolescência eram levados a prostíbulos para iniciarem sua vida sexual e, só após isso, poderiam conduzir um saveiro sem a supervisão de um adulto. Assim, ambos aprendiam quais seriam seus papéis na sociedade ao adentrarem na idade adulta. Butler (2000, p. 110) elucida que:

> Nesse sentido, pois, o "sexo" não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. Assim, o "sexo" é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas.

No decorrer da narrativa, há um maior convívio de Palmeirão com Lívia e é perceptível o processo de subjetivação ocorrido. Dessa forma, aos poucos ela vai se livrando do medo da morte de Guma, seu marido, como já citado, e passa a ter novas atitudes que são pautadas em decisões próprias de acordo com suas vontades. Após a morte do companheiro, Lívia decide assumir o seu posto de trabalho e, ao lado de Rosa, trabalhar no mar e prover o sustento da família. Tal atitude configura uma ruptura ao sistema vigente, ao passo que, pela primeira vez, há registros de duas mulheres ocupando tais funções em vez de se entregarem à

prostituição. O mais importante é que elas fazem isso por vontade própria, por se reconhecerem nesta posição.

Dona Dulce, única professora da região, sempre enfatizava que haveria sobre aquela sociedade um milagre que fizesse com que as condições de vida fossem alteradas. Em determinado momento, ressalta que este milagre não seria promovido por uma divindade, mas pelas próprias pessoas do cais. A ação de Lívia e Rosa, ao ocasionarem uma ruptura em uma situação cristalizada e sistematizada que fazia com que todas mulheres viúvas ficassem desamparadas e tornassem prostitutas ou lavadeiras, é o início deste "milagre". Esta ação de resistência foi extremamente significativa pois provocou profundas modificações nos modos de pensar, agir e nos saberes instaurados naquele grupo de pessoas. Isto pode ser percebido nos dois seguintes enunciados:

> 2.4 - Viu uma mulher forte que lutava. A luta era seu milagre. Começava a se realizar (AMADO, 1999, p. 257).
> 2.5 - Lívia suspendeu as velas com suas mãos de mulher. Seus cabelos voam, ela vai de pé. (AMADO, 1999, p. 256).

O emprego do enunciado "mãos de mulher" enfatiza o significado da resistência gerada por tal ação. Ela continuava, fisicamente, a mesma, mas mudara suas ações e condutas, assumindo um espaço no qual era frequente "as mãos de homens". Trata-se de uma ação que provoca rupturas em um local dominado por sujeitos masculinos. *Mar Morto*, assim como outras obras do autor, é um ato de resistência em meio a uma sociedade hipócrita que coloca diversos sujeitos à margem por não seguirem os padrões impostos.

## 5. Considerações finais

Este trabalho possibilitou uma análise aprofundada sobre os sujeitos mulheres nos enunciados do romance *Mar Morto*, de Jorge Amado, e permitiu observar a constituição dos sujeitos no romance, verificando o funcionamento dos processos de subjetivação e objetivação. Com esta análise, constatamos os modos como são produzidos a subjetividade dos sujeitos do sexo feminino nos enunciados analisados. Portanto, vimos que elas eram objetivadas e reduzidas a comportamentos únicos que as colocavam em posição de passividade e servidão a seus companheiros. Por outro lado, com o passar do tempo, muitas mulheres, como Lívia, se subjetivam através da convivência com Rosa Palmeirão e por se reconhecerem em outra posição que não seja da mulher submissa.

Analisamos os discursos que eram produzidos por esses sujeitos e sobre eles, o que possibilitou a compreensão do funcionamento das relações de poder existentes. É através do exercício do poder que os homens garantem a manutenção dos modos de vida praticados naquela sociedade. Para isso, dividem os sujeitos em classes e os denominam de acordo com seus comportamentos, excluindo os que não se enquadram nos padrões estabelecidos. Isto é feito, principalmente, através da compreensão equivocada sobre as relações de gênero, determinando lugares para homens e mulheres. Mas é também pelo poder que as subjetividades são produzidas, possibilitando novas atitudes das mulheres que passam a resistir determinados discursos e entendem que podem ocupar o lugar que quiserem.

As estratégias de resistência das mulheres se dão por serem inventivas ao realizarem atividades que anteriormente lhe eram negadas. Rosa Palmeirão, ao não se enquadrar em nenhuma das formas objetivadas pelos homens, promove uma ruptura nos modos de pensar e agir daquela sociedade. Rosa não reproduz as

atitudes preconceituosas dos sujeitos masculinos, tampouco age de acordo com o que eles acreditavam que ela deveria agir. Também Lívia, ao decidir-se por ocupar um cargo profissional que apenas era exercido por homens, promove o início de novas práticas naquele meio social.

Consideramos que os objetivos foram alcançados, pois pudemos verificar todas as suposições propostas na parte inicial deste trabalho. Por fim, enfatizamos a importância de trabalhos na Análise Discurso a partir de textos literários, observando que o texto literário é um espaço de inscrição, circulação e produção de discursos, cujo diálogo com as práticas socioculturais se faz presente.

## Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. *Mar Morto*. Ilustrações de Osvaldo Goeldi. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: *O Corpo Educado*: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político:* o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EdUFSCAR, 2014.

DIAS, Denise. NASCIMENTO, Maria Teresinha Martins do. O caminho da mulher em Mar Morto e Capitães da Areia, de Jorge Amado: Característica da identidade e representação. In: Fleck, Gilmei Francisco. *Coleção Literária Comparada*. Curitiba (PR): Atena, 2016.

FERNANDES, Cleudemar. *Análise do discurso*: reflexões introdutórias. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. 26. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006a.

FOUCAULT, Michel. *O poder psiquiátrico*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. *Uma trajetória Filosófica*: Para além do humanismo e da hermenêutica. 2ª edição Revista. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ROCHA, Décio. Perspectiva Foucaultiana. In: Brait, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (Orgs.). *Texto ou discurso?*. São Paulo: Contexto, 2017.

REVEL, Judith. *Michel Foucault*: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

SILVA, Giuslane Francisca; MACHADO JÚNIOR, Sergio da Silva. A construção do sujeito em Michel Foucault. *Entreletras*, Araguaína/TO, v.7, n.1, jan/jun. 2016.

Recebido em 15/08/2023
Aceito em 07/12/2023